

PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS A PARTIR DE UMA ENTREVISTA: O CASO DE UMA ALUNA DE UM CURSO A DISTÂNCIA

Carla Regina Mariano da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

carlaremariano@gmail.com

Resumo:

Esse artigo apresenta uma entrevista realizada com uma aluna de um curso de Licenciatura em Matemática à distância e tem como objetivo discutir as percepções dessa ao cursar o referido curso e suas expectativas para a carreira docente. Utilizando-se a metodologia da História Oral para a elaboração e textualização da entrevista, o texto traz uma narrativa que tenta mostrar aspectos que afetaram o pesquisador na realização dessa pesquisa e por isso foram assinalados como marcas percebidas na fala da entrevistada. Algumas dessas marcas podem ser descritas como: o discurso que preza pela certificação, a dificuldade em se disciplinar para poder estudar a distância, além dos problemas políticos de se elaborar projetos de formação sem um planejamento das reais condições dos lugares físicos e sociais nos quais essa formação ocorre. É interessante salientar que esse artigo aborda de forma inicial um assunto extremamente complexo na área de formação de professores de matemática à distância.

Palavras-chave: Formação de Professores de Matemática à distância; Análise de Narrativas Oraís; História Oral.

1. Introdução

Esse artigo apresenta uma entrevista realizada com um aluno de um curso de Licenciatura em Matemática à distância do interior do estado de Mato Grosso do Sul com o objetivo de discutir as percepções e expectativas desse aluno a respeito da carreira docente e do curso no qual ele se formou. O curso é oferecido na modalidade semipresencial com atividades presenciais (aulas aos finais de semana e reuniões no polo com tutor) e atividades à distância (web aulas e atividades escritas). Oferecido por meio do convênio Universidade Aberta do Brasil (UAB) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) conta também com o apoio da prefeitura a qual é responsável pela estrutura

física do polo de apoio presencial. Atualmente há oferecimento do curso de licenciatura em Matemática à distância pela UFMS em 6 polos/cidades diferentes e já foram formados, até Agosto de 2012, aproximadamente 74 alunos em 7 polos/cidades. O baixo número de formados nos leva a pensar em um problema presente não só em cursos à distância, como também em vários cursos de licenciatura em matemática oferecidos no estado¹ que consiste na evasão. Cerca de 40 alunos ingressaram em cada um dos sete polos/cidades em que a UFMS ofereceu o curso de matemática a partir de 2008, o que nos daria um total de 280 alunos formados, bem mais do que os 74 formados até 2012. Apesar de esse dado ser importantíssimo ao se estudar a formação de professores a distância no estado, não será tratado nesse texto visto não ser esse o objetivo.

Grande parte das pesquisas realizadas na área de Educação Matemática estudam as potencialidades de determinada tecnologia para o ensino ou ainda as potencialidades de determinada ferramenta online para a aprendizagem matemática. A pesquisa de Zulatto (2007) é um exemplo disso. Ao estudar um Curso a Distância, o trabalho tinha como objetivo investigar a natureza da aprendizagem matemática *online* no processo de Formação Continuada em Geometria e explorou as potencialidades de uma ferramenta chamada “passe a caneta”. Corrêa (2012), consiste em outro exemplo de pesquisa que trabalhando com um curso online, teve seu foco voltado para o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação na formação de professores de matemática formados na modalidade à distância da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

Os resultados dessas pesquisas nos ajudam a pensar e repensar na maneira de se trabalhar a distância, mas esses resultados esbarram muitas vezes nas reais condições físicas e educacionais dos lugares nos quais determinados cursos são oferecidos. Assim, olhar especificamente para a estrutura física e para as relações estabelecidas durante o processo pode nos ajudar a problematizar a formação online do professor de matemática. Afinal, para que cursar um curso a distância de Matemática? Quais as expectativas do acadêmico licenciado nesse curso?

A estrutura do curso a distância da qual a entrevistada se formou mantém estrutura semelhante a outros cursos a distância oferecidos por outras instituições do país. Possui

¹ A pesquisa de doutorado iniciada pela autora sobre os cursos de formação de professores no estado do Mato Grosso do Sul aponta o baixo índice de concluintes dos cursos presenciais oferecidos no estado desde a década de 1970.

professores especialistas, professores conteudistas, professores colaboradores, tutores a distância e tutores presenciais, sendo esses últimos os que têm o contato direto e contínuo com os alunos nos polos de apoio presencial². As disciplinas oferecidas possuem uma parte da carga horária síncrona que podem ser realizadas por meio de encontros presenciais ou web aulas e uma parcela de atividades assíncronas, nas quais o acadêmico poderá escolher os horários de sua realização. Os alunos se reúnem nos polos de apoio presencial que são mantidos e organizados por meio de um convênio entre a UAB, UFMS e Prefeitura, como dito anteriormente, no qual a prefeitura tem a obrigação de oferecer uma estrutura mínima para as aulas, sejam elas presenciais ou à distância, o que, como veremos a seguir, nem sempre acontece. Apesar de terem sido submetidos a uma avaliação do MEC para iniciarem suas atividades, a maioria dos polos possuem ainda situações precárias principalmente se tratando da qualidade da rede de comunicação online (internet) disponível. Um ponto importante a ser ressaltado é que em algumas das cidades/polo do estado, essa falta de estrutura básica das redes se dá pela inexistência de redes com capacidade suficiente para oferecer uma comunicação efetiva³.

Reitero que o objetivo desse texto consiste em discutir as percepções de uma aluna ao cursar esse curso e suas expectativas para a carreira docente. Os cursos à distância apesar de serem oferecidos por vários estados do país são alvos frequentes de críticas e preconceitos. Pretende-se aqui iniciar essa discussão a partir dessa conversa, no entanto, essa discussão é bastante complexa e envolve relações políticas e sociais que vão além do que pode ser lido na entrevista sendo necessário um futuro aprofundamento no assunto.

2. A pesquisa

Quando nos propomos a um exercício de pesquisa é necessário, segundo alguns estudiosos da arte de pesquisar, *educar o olhar*⁴, refinar os sentidos para que seja possível se afetar. Para isso é necessário exercitar o olhar, se abrir para sentir, para se afetar com o mundo em volta e desconstruir pré-conceitos instituídos. Esse foi o primeiro exercício feito para a realização dessa investigação. Buscando entender como um aluno que cursa um

² O professor especialista se desloca cerca de 3 finais de semana por disciplina até o polo de apoio ao ensino presencial.

³ As informações sobre a estrutura do polo advêm das observações feitas pela autora como professora do curso em questão.

⁴ GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 107p.

curso de graduação a distância se entende como tal, como ele percebe o curso que fez, e quais as suas expectativas sobre a carreira docente que a entrevista foi feita. Para isso, foi elaborado um roteiro o qual continha algumas perguntas a respeito do referido curso. Essas abordavam a estrutura do curso, a organização dos estudos à distância, além das dificuldades e dos aspectos que a própria entrevistada julgava interessante. A entrevista foi realizada com uma aluna recém-formada, que não estava lecionando no momento mas trabalhava como secretária de escola. Feita a entrevista, foi necessário inverter o polo de questionamentos e se perguntar como a partir de uma entrevista, é possível perceber as expectativas da carreira docente? Como é feita a análise a partir de uma entrevista? Não seriam apenas percebidos os aspectos que afetam o pesquisador? Esses foram alguns dos questionamentos que possibilitaram que uma análise fosse feita.

Alguns aspectos a respeito da entrevista devem ser ressaltados. O primeiro deles é o fato de que mesmo por apenas dois dias, a pesquisadora ministrou aulas de Elementos de geometria para a turma de Matemática da aluna entrevistada, e isso poderia manter com a entrevistada uma relação poder delicada ao se fazer uma entrevista. A entrevistada poderia se sentir intimidada quanto às respostas dadas ou não querer falar sobre determinado assunto. No entanto, por entender que em qualquer relação haverá uma relação de poder, onde, ou subjetivamos ou estaremos sendo subjetivados, a pesquisa seguiu seu curso e teve uma continuidade. O fato de a entrevistadora manter essa relação com a entrevista poderia trazer tanto limitações quanto potencialidades e esse fato foi suficiente para a superação do receio antes sentido.

A priori, a realização dessa entrevista tinha como objetivo a realização de um trabalho de final de disciplina do curso de doutorado da UNESP de Rio Claro que foi ministrado pelo professor Antonio Carlos Carrera de Souza. A partir de uma releitura da entrevista, agora seguindo alguns pressupostos da História Oral, buscou-se dialogar com o entrevistado e produzir uma narrativa fluente, excluindo vícios de linguagem e criando um texto juntamente com o entrevistado. Esse exercício tem sido discutido no HEMEP (Grupo de História da Educação Matemática em Pesquisa) e consiste em um momento no qual retira-se alguns elementos da transcrição da entrevista com o objetivo de tornar o texto escrito, antes oral, mais fluído. A esse momento dá-se o nome de textualização que seria uma forma elaborada de transcrição na qual o editor pode alterar sensivelmente o depoimento registrado. De posse da textualização, uma narrativa foi elaborada no qual a pesquisadora se pôs a contar uma história. A ideia é que se busque um diálogo como o

entrevistado ao mesmo tempo em que se busque um possível diálogo com um possível leitor. Que se crie uma narrativa, uma história.

Ao falar sobre narrativas podemos dizer que elas “possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada” (DELGADO, 2003, p.22) e é essa a viagem que se espera que o leitor do texto produzido faça.

A análise feita a partir dessa narrativa se aproxima do que Garnica (2008) assinala em seu texto em muitas partes: “Uma análise é um exercício caótico em sua essência”. Essa análise por ser rizomática não nos permite saber a priori qual caminho devemos seguir, uma vez que não há caminhos, há fluxos, há multiplicidades, há linhas que se modificam a todo o momento. (ALBUQUERQUE JÚNIOR; VEIGA-NETO; SOUZA FILHO, 2008) A análise aqui feita em muito se aproxima desse movimento caótico supracitado.

Podemos dizer também que “a história oral é um metodologia primorosa voltada para a produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. Essas narrativas “são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações.” (DELGADO, 2003, p.22, 23)

A História Oral consiste em uma metodologia que produz narrativas e não se restringe a trabalhos históricos. Tomemos então alguns dos pressupostos que são assumidos quando se diz trabalhar com essa metodologia, o primeiro deles é o diálogo com as fontes de várias naturezas e não somente as orais, outro seria o de exercitar a pluralidade das perspectivas negando a existência de uma verdade única e hegemônica, além desses o registro ético e cuidadoso dos dados são vistos como centrais na opção por essa metodologia. (GARNICA, 2010, p.33). Assim, além da entrevista realizada, utilizamos também como fontes o Projeto Político Pedagógico do curso de Matemática, que nos ajudou a entender o curso no qual a aluna está inserida. A observação da estrutura do polo e da cidade também foi utilizada no momento em que o pesquisador se manteve atento a tudo que o rodeava.

3. Uma narrativa⁵

⁵ Por ser uma narrativa, a história será contada em primeira pessoa, como se alguém que vivenciou determinado acontecimento estivesse tentando compartilhar com outros, o que foi vivenciado.

O objetivo dessa empreitada pelo interior do estado do Mato Grosso do Sul é o de ministrar a disciplina de Elementos de Geometria para um curso de Licenciatura em Matemática à distância, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Apesar de não ser a primeira vez a visitar esse polo, ou “faculdade” como prefere a entrevistada, muita coisa me pareceu diferente, não sei se devido à fraca memória ou a imensidão de lugares parecidos antes visitados, mas muitas coisas ali me chamaram a atenção naquele momento. Outras coisas me pareciam iguais: o bebedouro que, devido ao calor excessivo, oferece água gelada em algumas das torneiras, o jardim bem cuidado e a coordenadora do polo exaltando os benefícios conseguidos com a ajuda do atual prefeito para a melhoria do local.

Apesar de já ter estado ali duas vezes, dessa vez foi diferente, e digo isso, pois, dessa vez meu olhar buscava perceber coisas antes não vistas. Buscava detalhes que pudessem me ajudar a pesquisar. Muitas coisas ali me pareciam novas. A turma era nova, tanto pela idade, pois a maioria tinha menos de 30 anos⁶, quanto pelo fato de nunca ter ministrado aula para eles. A organização do espaço também era nova, já que agora deveria comportar mais cursos e mais Universidades⁷. Busquei me atentar a cada detalhe, a cada informação que pudesse me auxiliar na tarefa de pesquisar.

Com os alunos fazendo prova, aguardei por algumas horas na “sala de professores”⁸ do polo de apoio presencial a aluna que iria entrevistar. Com a filmadora a posta, e com o gravador improvisado pelo celular, me sentei e esperei pela aluna a qual a face não me era comum. A tutora me disse um nome, algumas características físicas, mas isso não foi suficiente para achar um rosto específico em meio às minhas lembranças. O tempo estava passando, e quando alguns alunos já haviam terminado a prova chega a aluna. Logo na entrada da sala, encontra a coordenadora do polo (que estava na sala há tempos falando sobre política) e lhe cobra sobre um possível mestrado: “*E o meu mestrado, quando sai?*”⁹ Essa foi a pergunta dela para a responsável por “levar” cursos para a cidade em questão.

Cumprimentei-a mesmo sem me lembrar dela e expus que gostaria de fazer uma entrevista para um trabalho que eu deveria realizar para uma disciplina que estava fazendo

⁶ Nos cursos a distância é normal ter alunos mais velhos.

⁷ Além da UFMS, a Universidade Federal da Grande Dourados também passou a oferecer cursos a distância nesse polo.

⁸ Sala de professores está entre parênteses pois consiste em uma sala improvisada e a maioria dos professores nem se utilizam dela.

⁹ As falas literais da entrevistada estarão entre aspas e itálico

no doutorado¹⁰. Pedi para que ela se apresentasse e sem nem um pouco de timidez, a entrevistada, falando e gesticulando bastante (características justificadas por ela no decorrer da entrevista devido a sua descendência italiana) falou que havia se formado fazia dias, e qual foi minha surpresa falou que além do curso de matemática, havia feito também o curso de pedagogia à distância e que o gosto pela matemática vinha de casa, do pai que exigia que *“as contas do mês tinham que fechar”*.

Contou-me que, durante o seu curso de pedagogia, já havia indícios do começo do curso de matemática na cidade em questão e que isso a apavorava, pois queria na verdade fazer matemática e tinha feito pedagogia por ser esse o único curso oferecido na época. Quando lhe perguntei diretamente como foi o curso, disse ter tido professores bons e outros com certa dificuldade, e que alguns conteúdos foram difíceis de serem assimilados, ainda mais pelo fato dela não ter sido cobrada a todo o momento para estudar. Disse que para alguns professores faltou a parte pedagógica e a explicação de para que aquilo serve, *“letrinha por letrinha”*. Que por já ter feito pedagogia, percebia que para alguns professores faltava didática.

Quando perguntei sobre como era sua organização para o estudo (mesmo sabendo que nessa pergunta já estava embutida a ideia de que deveria haver alguma organização) ela me disse que essa organização era bem pouca e que só estudava quando tinha aulas presenciais ou quando tinha trabalhos a serem feitos, e que isso se resumia talvez a duas horas na semana, de acordo com as possibilidades da tutora. Nesse momento, me pareceu que o estudo era feito somente no polo e com o acompanhamento da tutora presencial, indicando a falta do estudo individual. Ao ser questionada se isso fez diferença, disse que sim, e justificou essa falta de empenho a alguns períodos de trabalho intenso. No entanto, afirmou que o trabalho só se tornava intenso nos meses de Janeiro, Fevereiro, Junho e Julho devido a matrículas dos alunos que ela como secretária de escola era responsável por fazer. Disse que como *“pegava”* fácil os conteúdos, acabava não estudando, pois achava que bastava uma explicação e ela entenderia tudo. Enfim, não conseguia se organizar.

Quando perguntei diretamente porque ela resolveu fazer aquele curso, querendo que ela me dissesse o porquê de ter escolhido um curso a distância, ela entende que eu estava perguntando sobre o porquê da escolha por um curso de matemática e as respostas obtidas foram as que ouvimos comumente sobre isso. Entre elas que ajudava os amigos na sala de aula, gostava das professoras, tirava as melhores notas da sala. No seu relato fica

¹⁰ Sou aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro

claro que quando fez o curso de pedagogia não queria sair de perto de casa. A justificativa se deu devido ao fato da família ser toda da região Sul do país, não havendo nem um parente em cidades maiores do estado de Mato Grosso do Sul. Essa escolha por não sair da cidade, parece ter se acentuado com a morte da mãe durante o curso de pedagogia.

Não satisfeita, perguntei de maneira direta se a escolha pelo curso a distância foi por não querer sair da cidade em questão, na qual obtive uma resposta afirmativa. Além disso, o desejo de fazer o Mestrado ali mesmo, para poder trabalhar, talvez, na “*faculdade*” só reforça o fato da opção de ali permanecer. Apesar de ter feito primeiramente pedagogia, não pensa em dar aulas para o ensino fundamental e aparentemente lecionar somente se for na “*faculdade*”. No entanto, o desejo de lecionar para outros níveis é menor do que o desejo de ficar na cidade tanto que a entrevistada afirmou, e fez isso logo que entrou na sala de entrevista, que só fará o mestrado quando tiver algum à distância, lá mesmo na cidade.

Essa me parece ser uma marca que direciona a maneira como ela faz as suas escolhas. Analisar o não querer sair da cidade, me parece importante, pois pode ter sido o que fez com ela escolhesse esse curso e não outro. A morte da mãe pode ter agravado uma marca já existente, a da não possibilidade de se afastar da família, mesmo não morando na mesma casa. Esse não querer sair da cidade pode também estar relacionado com o medo da mudança. O novo pode amedrontar, pode paralisar. Ir para outra cidade significa abandonar aquilo que lhe é natural, costumeiro, significa enfrentar o desconhecido e isso nem sempre é fácil.

No decorrer da entrevista, estava sentindo que ela não falava muito sobre dificuldades ao longo do curso e então perguntei isso de forma direta: quais tinham sido as dificuldades encontradas durante o curso? Pensei que elaalaria sobre a distância, ou sobre as poucas aulas, mas sua queixa foi sobre o conteúdo, disse saber pouco do conteúdo e que isso era culpa sua, por não ter se dedicado mais. Autocrítica, ela diz que poderia ter se saído melhor, pois dúvidas lá da quinta, sexta série atrapalhavam seus estudos. A culpa me pareceu uma marca, pois percorreu vários momentos da entrevista, se culpa por não ter estudado mais durante o curso, se culpa por ainda ter dúvidas referentes a conteúdos básicos, se culpa por não aproveitar as oportunidades que lhe foram dadas. Toma toda a responsabilidade para si, sem se questionar se lhe foi oferecido um curso que possibilitasse o aprendizado.

Quando perguntei sobre um bom momento, ela foi buscando na memória sobre alguns momentos nos quais ela havia obtido destaque. Entre eles, a aula de Desenho Geométrico, por ter facilidade em desenhos e a última aula de Estágio, na qual diante de um problema com as viagens da professora, ela sugeriu que um vídeo fosse feito das aulas. A entrevistada falou por um bom tempo sobre isso, com certo entusiasmo, pois era um momento em que ela entendia como importante. Que em suas palavras, *“se não tivesse tido essa ideia os alunos poderiam não ter colado grau.”* Aqui, podemos ver mais uma marca, a de se sentir necessária, a de fazer a diferença no meio em que está.

Perguntei a ela como eram suas aulas, e o relato foi que eles tinham aulas presenciais um final de semana sim o outro não, um sim, dois não, mas quando houve um corte de verbas do governo federal, as aulas passaram a ser feitas pela web e isso não funcionava. Havia disciplinas que eram somente à distância, que o único contato com o professor era por meio de uma foto no moodle (Ambiente Virtual no qual o curso de desenvolve) que, segundo ela, na maioria das vezes, nem se parecia muito com a realidade, com o professor no seu dia-a-dia. Mesmo com isso, para ela, a maior parte das aulas era presencial. Veja que mesmo estando em um curso à distância há a necessidade de se ter o contato físico, a aula em si. Como poucos foram os problemas salientados por ela sobre o curso, eu pensei em perguntar de uma forma que a deixasse mais a vontade para responder: o que ela diria para um coordenador de um curso que iria começar um curso no polo no final do ano, com respeito a melhorias necessárias. A resposta foi única, aulas presenciais! Parece-me que, mesmo sem dizer diretamente, rejeita a ideia das aulas à distância, sente a falta do contato, da aula em si. Para ela, a ideia de estudar sozinha não serve. Em outra fala, ela aponta que há uma tendência e uma necessidade de que curso a distância ocorram, no momento em que ela diz: *“a maioria das faculdades estão sendo assim, ultimamente o governo tá abrindo né”*, é normal se fazer um curso a distância, é assim que as coisas estão acontecendo e ponto, não há um questionamento sobre isso. Dessa fala, outro questionamento pode surgir: se tivéssemos equipamentos que permitissem uma boa comunicação pela internet, essa ânsia por aulas presenciais seria diminuída? São fatos e inquietações que não podem ser determinadas, que servem apenas para que se possa repensar o curso oferecido.

Por fim, quando fiz o agradecimento pela entrevista, ela demonstrou o porquê de ter aceitado o convite: *“porque vai que eu gosto da ideia [de pesquisar] e resolvo usar a ideia pra mim também”*. Sua fala final deixa evidente um aspecto forte durante toda a entrevista:

a necessidade de se estudar, tanto que, não importa o que. Pode ser inclusive crochê, como ela chega a citar, mas é necessário continuar estudando. Em outro momento, ela diz que talvez faça a "*faculdade*" de Geografia que vai abrir. Em outro, muda de ideia e diz que na verdade irá esperar o mestrado. Aparece forte em sua fala a necessidade de se continuar estudando, de continuar fazendo alguma coisa, de se estudar, de se ter uma formação, afinal, a nova ordem da sociedade é essa, não é? Nessa sua fala me parece que ela aceita o discurso de que é necessário estudar, se especializar. Tanto que mesmo após ter terminado o curso ela não foi lecionar, não assumiu a profissão que esta formação lhe habilitava. O curso foi feito somente pelo título que isso lhe atribuiu: Graduada.

Esse foi um exercício de olhar para como ela se entende como aluna. Como ela participa desse dispositivo que são os cursos oferecidos pelo Governo Federal por todo o país. Esse exercício tornou necessário que uma reflexão fosse feita a respeito dos cursos à distância para a formação de professores oferecidos no país.

4. Algumas discussões

A análise dessa entrevista teve seu início no momento em que o tema de estudo foi escolhido e persistiu no decorrer de todas as atividades realizadas, desde a elaboração do roteiro, escolha da entrevistada até a apresentação aqui da entrevista. Esse movimento, conforme referenciado por Garnica anteriormente é caótico não sendo possível assinalar onde começa e que linha segue. Assim, aqui estão algumas discussões sobre as expectativas e percepções que podem ser discutidas a partir da narrativa elaborada e aqui apresentada.

Um desses aspectos que se mostrou muito insistente na fala da entrevistada é a problemática da oferta de um curso a distância sem uma estrutura que possibilite a comunicação efetiva. Na fala da entrevistada, o curso se concretiza no momento em que aulas presenciais acontecem, tanto que em um momento em que essas aulas não são possíveis, o uso da rede de comunicação (internet) não funciona.

Esse fator nos mostra que assim como em outros projetos de leis que já existiram em nosso país, temos uma proposta de educação que não leva em conta a estrutura necessária para se oferecer uma Educação a Distância que possibilite a comunicação mediada por uma internet de qualidade, simplesmente pelo fato de não haver internet de qualidade em todas as cidades do país. Além é claro, da disciplina necessária a um

estudante à distância, já que não há aulas todos os dias, como é o caso do ensino presencial. Roque Spencer¹¹, em uma entrevista dada a Buffa e Nosella (2001) chama de "utópicos" os esforços dos que elaboraram a lei 5.692/71:

“Valnir imaginou um mundo que era um mundo de utopia, que não tem nada a ver com o mundo que estava aí. (...) Imagine, aquilo pressupõe um indivíduo que tenha seu tempo inteiramente livre, que seja bem alimentado, que possa frequentar uma escola no sentido tradicional no período da manhã e que, à tarde, atravessa a rua e entre numa outra parte que é oficina, e vai aprendendo uma profissão”. (BUFFA E NOSELLA, 2001, p. 48)

Essa utopia apontada por Roque Spencer em muito se aproxima das propostas de Educação a Distância atuais. O olhar para experiências passadas, pode nos ajudar a discutir as tentativas de formação de professores de matemática oferecidas atualmente. Uma simples conversa para tirar dúvidas *online* com os alunos pode se tornar “sofrível”, uma vez que há muitos lugares no Brasil nos quais a qualidade da internet é extremamente precária. Há também, como salientado fortemente pela entrevistada, o problema da disciplina necessária ao estudo. Estamos acostumados ao modelo de escola no qual temos contato com o professor todo dia, e no qual já temos os horários pré-estabelecidos para o estudo, sempre reiterados pelo professor. Não ter quem nos cobre pode ter como consequência que nada seja feito.

Viel (2001) realizou um estudo sobre o primeiro curso em nível superior de Educação a Distância oferecido no país pelo Consórcio CEDERJ – Centro de Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro, que recebeu autorização para funcionar em 2001 e suas conclusões finais apontam esse curso como uma possibilidade para quem vive longe dos grandes centros, no entanto, este curso possui muitas fragilidades, sendo uma delas a grande necessidade de aulas presenciais e trocas entre alunos e professores.

Essa necessidade foi intensamente reforçada pela entrevistada, a ponto de que, quando questionada sobre o que ela diria para um coordenador de um curso que iria começar na mesma cidade/polo em que se formou no final do ano com respeito a melhorias necessárias, sua resposta foi direta: aulas presenciais.

Essa discussão mostra outro fator que pode ser observado a partir do projeto político pedagógico do curso em questão. A estrutura curricular é muito semelhante à estrutura de um curso presencial, com as mesmas disciplinas e ementas. No entanto, a

¹¹ Roque Spencer Maciel de Barros, foi membro e relator da Comissão de Reestruturação da Universidade de São Paulo em 1966 e em 1968 participou da comissão que discutiu a reforma universitária, e é desse lugar que ele discute as reformas ocorridas na educação.

comunicação entre professores e alunos é outra, a frequência com que esses dois se comunicam é diferente. Uma vez que a estrutura é a mesma, as aulas presenciais aparecem como a maior necessidade para um curso a distância.

Além da falta de estrutura física e da necessidade de aulas presenciais, a dinâmica para se estudar a distância é outra. A entrevistada afirma que só estudava quando era cobrada e se culpa por isso. Diz que algumas de suas dificuldades são oriundas de sua formação no ensino básico e não se dedicou o suficiente para sanar essas dificuldades. No entanto, uma questão não pode ser respondida. Será que em condições ideais, com dedicação ao estudo, com aulas presenciais e a distância eficientes, é possível ter uma formação sólida a partir de um curso a distância? Aqui outras perguntas surgem como o que seria uma formação sólida, ou ainda, se as pessoas estão interessadas em sua formação ou apenas na certificação. A partir de uma pequena reflexão histórica, há indícios de que a formação de professores no estado do Mato Grosso do Sul tem se utilizado de diferentes modalidades de ensino para suprir a necessidade de professores formados. As licenciaturas parceladas, que durante a década de 1970 e 1980 formavam professores leigos nas férias e em semanas concentradas durante os semestres, são um exemplo de formação diferenciada, que apesar de não ser a distância, não permitia o contato contínuo aluno/professor. Os cursos modulares¹², oferecidos entre os anos de 1999 a 2003 são outro exemplo disso. Essas e outras formações oferecidas na região na qual atualmente temos o estado de Mato Grosso do Sul, são exemplos de formações criadas para certificar professores em exercício e para atender as demandas que o crescimento da Educação Básica nessas mesmas épocas provocou. A fala da entrevistada prioriza a ideia da certificação uma vez que ela já fez um curso de Pedagogia, fez o de matemática e pensa em fazer o de Geografia, ou um mestrado talvez. E ainda, a opção pelo curso aparentemente é feita sem uma análise prévia do que o curso oferece. Para a entrevistada, os cursos estão sendo oferecidos nesses moldes e possibilitam que não seja necessário sair da cidade em que se está.

5. Considerações Finais

É importante salientar que estamos olhando para um programa com amplos incentivos financeiros do Governo Federal, com uma ampliação por todo país, como uma nova forma de se trabalhar a formação de professores e, mesmo assim, a falta de verba para

¹² Kruki (2005)

viagens dos professores para as aulas presenciais também foi salientada pela entrevistada demonstrando a fragilidade das propostas postas em prática.

Aqui, ouvimos uma narrativa sobre o processo. A fala da entrevista dá a entender que, se não fossem os cursos à distância, ela não teria feito graduação alguma. E mesmo tendo feito a graduação, essa foi feita somente com o intuito de certificação. Mas será que foi somente para não sair da cidade que ela escolheu o curso? Talvez para não sair da cidade, talvez pelo discurso que exige que se estude, e talvez também, por comodismo, ou por medo do novo, da mudança.

Penso que um exercício como esse de se discutir sobre a formação de professores é necessário para a área de Educação Matemática, que não pode ignorar os cursos oferecidos pelo sistema UAB e outros tantos cursos não convencionais, por todo o país. Um olhar crítico a esse respeito poderá trazer benefícios para que se repense sobre as políticas públicas de formação e se ofereça não somente igualdade de oportunidades como também igualdades de condições.

6. Agradecimentos

Esse texto é parte de um projeto financiado pelo CNPQ intitulado: Formação de Professores que ensinam Matemática: um olhar sobre o Mato Grosso do Sul.

7. Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M., VEIGA-NETO, A., SOUZA FILHO, A. (Orgs.)
Cartografias de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BUFFA, E. NOSELLA, P. A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. 3ed. São Paulo, Cortez, 2001. 200 p.

CORREIA, D.S.P. Licenciatura em Matemática a Distância e a Formação de Professores para/com o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Dissertação de mestrado (Educação Matemática). 2012. UFMS. Campo Grande.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: História Oral, São Paulo, Associação Brasileira de História Oral, n. 6, p. 9-25, jun. 2003.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ciências Humanas e Sociais em Revista , v. 32, p. 20-35, 2010.

GARNICA, A. V. M. A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: Editora UNESP, 2008. 213 p.

KURKI, M. L. M. O. Cursos modulares da UCDB na ótica de seus alunos: reflexos da política educacional. Campo Grande, 2005. 105p. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação, Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande/MS.

VIEL, S. R. Um olhar sobre a formação de professores de matemática à distância: o caso do CEDERJ/UAB / Silvia Regina Viel. – Rio Claro : [s.n.], 2011. 218 f